

11. Amor ao facto de Jesus Cristo e amor ao irmão enviado pelo Pai

por Julián Carrón*

Dom Giussani apresenta os dois fatores fundamentais deste «*ser para o mundo*» dos cristãos: «O primeiro é o amor ao Facto de Jesus Cristo como única motivação verdadeira de qualquer tentativa e de qualquer presença: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja bem que esse extraordinário poder vem de Deus e não de nós”». E o segundo é «o amor pelo irmão enviado pelo Pai. A comunidade tem uma grande lei na sua relação com os homens que encontra: dar-se aos irmãos para os libertar de toda a miséria e os tornar capazes de esperar apenas a salvação que vem de Deus. A historicidade da realidade cristã, que vive a sua missão no mundo, realiza-se através da sucessão contínua das ocasiões. [...] Mas não é possível, no caminho do homem do nosso tempo, ser eco dessa presença e lugar desse encontro e dessa libertação profunda do limite e do mal, a não ser *compartilhando* incansavelmente a situação de necessidade em que o homem se encontra; porque o cerne autêntico de toda a necessidade é a invocação, a maior parte das vezes inconsciente, do Deus que se fez homem como nós para nos arrancar ao poder do nosso mal».¹

Conclui Dom Giussani: «A razão profunda de cada gesto nosso de presença social e de comunicação ao mundo é o conhecimento do poder de Jesus Cristo: mas esta motivação única e originalíssima não se torna evidente a não ser no testemunho de uma paixão pelo homem, carregada de aceitação da situação concreta em que ele se encontra, e, portanto, pronta para qualquer risco e qualquer dificuldade».² [...] Repercorremos o grande e longo percurso que Deus teve de desenhar no tempo – desde a escolha de Abraão até o advento de Cristo, passando pelas contínuas quedas do Seu povo – para gerar o «sim» de Pedro. Esse «ser para», que nasce do «sim» de Pedro, está bem ilustrado de modo eficaz e persuasivo na *Carta a Diogneto*. Imaginemos a Igreja dos primeiros séculos, que dá os seus passos no vasto Império Romano: «Os cristãos, de facto, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. [...] Vivendo em casas gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. [...] Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo».³ »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» Os primeiros cristãos, como vimos no *Porquê a Igreja*, tinham a consciência viva de serem, no contexto do Império Romano, não por mérito próprio e sem nenhuma pretensão hegemónica, o sinal que tornava presente a novidade de Cristo no mundo!

¹H.U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 1978, pp. 168-170.

²*Ibidem*, p. 170.

³*Carta a Diogneto*, V, VI, tradução de Luiz Fernando Karp Pasquotto, <http://www.corpuschristi.org.br/newsite/wp-content/uploads/2013/02/Carta-a-Diogneto.pdf>. O texto grego encontra-se em PG 2, coll. 1167-1186.